



X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

O DISCURSO PEDAGÓGICO E AS PRÁTICAS HOMOSSEXUAIS E O ATENEU

CÂNDIDO, Gleiton Hamony*

RESUMO objetiva-se desenvolver neste trabalho uma análise das relações de poder em *O Ateneu*, de Raul Pompéia. Para tanto, parte-se da perspectiva de que em *O Ateneu*, o espaço escolar retratado na obra é um microcosmo, em que tais relações são estabelecidas através de discursos criadores de “verdades”, que alimentam a lógica do poder, observando as práticas que se desenvolvem em torno das discriminações, especificamente, do homoerotismo masculino. Assim também como o tema está sendo tratado por professores em contato direto com tais práticas. Visto ser a escola um ambiente disciplinador, onde pode ser percebida a presença de um conceito de identidade fixa, que alimenta os ideais de hegemonia e procura sufocar as diferenças, a diversidade e o caráter de identidade móvel dos sujeitos. Acredita-se que, a partir daí, será possível contribuir para o debate crítico sobre a discriminação, o preconceito, a hierarquia sexual e a intolerância, visando encontrar caminhos que apontem para a superação de tais temáticas na escola.

PALAVRAS-CHAVE: Escola; Discurso Pedagógico; Homossexualismo.



X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

*Graduando em Letras Português e Espanhol
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

1 INTRODUÇÃO

Por entender o espaço escolar como uma representação de poder vigente, de legitimação de conhecimentos e com capacidade de valorizar e contribuir com valores, sejam eles quais forem, em O Ateneu é possível observar como a linguagem é usada pedagogicamente na construção de uma identidade unificada. Para tanto, há força pedagógica, que seleciona fatos, omite outros e tem por finalidade a produção de identidade homogênea. Essa tentativa de homogeneização dificulta a percepção da complexidade das relações humanas, das inter-relações, da diversidade e do leque de significados que as relações podem produzir, uma vez que a identidade é vista como algo estagnado, imutável, fixo e homogêneo – visão interessante ao poder instituído.

De acordo com Hall, as identidades homogêneas procuram ‘costurar’ as diferenças numa única identidade, o que não é possível, uma vez que, “O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um ‘eu’ coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que as nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas”. (Hall, 2004. P. 13) Em O Ateneu, a tentativa de se construir um projeto identitário faz com que os internos abandonem suas identidades e tenham como proposta uma única identificação: aquela almejada pela escola.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 Um olhar em “O Ateneu”

Pompéia denuncia uma educação como mera reprodução e não como algo libertador, dinâmico, capaz de colaborar em uma eventual mudança na estrutura social, é a mercadorização do saber veiculada na difusão de pacotes de conteúdos escolares: “[...] enchia o império com o seu renome de pedagogo, mas com qualidade



X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

questionável, o que é denunciado através da ironia do narrador-autor ao descrever o material produzido pelo Ateneu:

Eram boletins de propaganda pelas províncias, conferenciais em diversos pontos da cidade, a pedidos, a substância, atochando a imprensa dos lugarejos, caixões, sobretudo de livros elementares, fabricando as pressas com o ofegante e esbaforido concurso de professores prudentemente anônimos, caixões e mais caixões de volumes cartonados em Leipzig, inundando as escolas públicas de toda a parte com a sua invasão de capas azuis, róseas, amarelas, em que o nome de Aristarco, inteiro e sonoro, oferecia-se ao pasmo venerador dos esfaimados de alfabeto dos confins da pátria. Os lugares que os não procuravam eram um belo dia surpreendidos pela enchente, gratuita, espontânea. Irresistível! E não havia se não aceitar a farinha daquela marca para o pão do espírito. (POMPEIA, 1992, P. 15).

Existem conflitos que, se fossem trabalhados pela escola, favoreceriam a busca por soluções, o crescimento do ser humano e a quebra de barreiras e limites. Mas, por mostrarem-se apenas normativos, abre-se espaço para a sensação de caos e violência, uma vez que se impõe um único modelo, aparentemente homogêneo. A esse modelo presente no colégio Ateneu até mesmo a sexualidade do aluno deve ser enquadrada. Ela é vista como algo a ser aprendido e normatizado, sendo, pois, imposto um modelo binário de preconceitos e violências física, verbal e moral. Era uma carta do Cândido, assinada Cândida.

“Esta mulher, esta cortesã fala-nos da segurança do lugar, do sossego do bosque, da solidão a dois... um **poema de pouca-vergonha!** E muito grave o que tenho a fazer. **Amanhã é o dia da justiça!** Apresento-me agora para dizer somente: serei inexorável, formidando! E para prevenir: todo aquele que direta ou indiretamente se acha envolvido nesta miséria... tenho a lista dos comprometidos... e que negar espontâneo auxílio ao procedimento da justiça, será reputado cúmplice e como tal: punido!” Este convite era um verdadeiro arrastão. Remexendo a gaveta da consciência e da memória, ninguém havia, pode-se afirmar, que não estivesse implicado na comédia colegial dos sexos, ao menos pelo enredo remoto do ouvi dizer. (POMPEIA, 1992, p.134) (grifo nosso)



X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

Ao flagrar uma situação de homossexualismo, a escola foi obrigada a sair do seu silêncio. Silêncio que visava transformá-la em um espaço sexualmente neutro, o que invisibiliza, ao menos em tese, práticas que vão contra a forma hegemônica de masculinidade e legitimada pela escola. A legitimação da masculinidade socialmente aceita dá-se quando Aristarco classifica a relação entre Cândido e Emílio Tourinho como ‘miséria, pouca vergonha’ e, por isso, passível de justiça. A violência verbal seguida de outra por meio de exposição ao público, objetiva ferir a auto – estima e coibir por possíveis manifestações homossexuais. Todavia, tal objetivo não é atingido, uma vez que o narrador- autor ao afirmar: “ninguém havia, pode-se afirmar, que não estivesse implicado na comédia colegial dos sexos, ao menos pelo enredo remoto do ouvi dizer” (POMPEIA, 1992, p. 134) mostra que a homogeneidade é apenas aparente, já que a sexualidade está presente, incisivamente, no contexto escolar, embora nem sempre reconhecida.

Portanto, a sexualidade em *O Ateneu* tem um modelo único e socialmente aceito: práticas sexuais para o casamento e procriação apenas entre homens e mulheres. Vê-se que a escola tomou para si a tarefa de ensinar as preferências sexuais, mas essas devem seguir o padrão socialmente imposto e ditador do que é certo ou errado. Sexualidades alternativas são marginalizadas, silenciadas, discriminadas, expostas ao ridículo e aos insultos em público. Classificadas como maus exemplos, são submetidas as medidas disciplinares.

Para Miskolci, “marcar alguém como estranho é a forma que encontram para defender o mito de neutralidade da escola em matéria de sexualidade” (2005, p.18). Logo, a escola nem sempre leva em conta que a sexualidade foi construída historicamente e que existem várias maneiras de se viver a masculinidade ou feminilidade. Dessa forma, “a instituição que em tese deveria educar respeitando as particularidades e de forma a contribuir para uma sociedade mais justa termina por ensinar a dissimulação, a obrigação de rejeitarem a si esmos tudo o que os diferencia da maioria” (MISKOLCI, 2005, p. 19).

O Ateneu corrobora, pois, com uma prática educativa homofóbica ao tentar impor no aluno a opção pela heterossexualidade, o que indica sua cumplicidade com a forma hegemônica que prescreve um único molde de sexualidade. Quando Aristarco silencia-se sobre as possíveis relações homossexuais ou quando expõe ao público Cândido e Emílio, humilhando-os, enxerga os alunos como pertencentes a um grupo assexuado. Assim, ao tentar reprimir a sexualidade, incita-a e deixa de debater o assunto, de mostrar que as pessoas são seres complexos, que vão além de suas práticas



X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

sexuais e “que a diferença não precisa ser uma marca, uma categoria que aprisionam em um binarismo de gênero que não se sustenta” (MISKOLCI, 2005, p. 19).

Isso chama mais atenção quando observado na perspectiva de Bourdieu, na medida que esse autor analisa o poder dos agentes na proporção de seu capital cultural.

Na luta pela imposição da visão legítima do mundo social, em que a própria ciência está inevitavelmente envolvida, os agentes detêm um poder à proporção do seu capital, quer dizer, em proporção ao reconhecimento que recebem de um grupo. A autoridade que fundamenta a eficácia performativa do discurso sobre o mundo social, a força simbólica das visões e das provisões que têm em vista impor princípios de visão e de divisão desse mundo, é um *percipi*, um ser reconhecido e reconhecido, que permite impor um *percipere*. (Bourdieu 1998:145).

O poder simbólico é um poder que aquele que lhe está sujeito dá àquele que o exerce, um crédito com que ele o acredita, um *fides*, uma *auctoritas*, que lhe confia pondo nele a sua confiança. É um poder que existe porque aquele que lhe está sujeito crê que ele existe. (Bordieu, 1998:188).

Com base nessas citações, é possível identificar o poder dos professores, visto que entendendo a escola como um campo social onde agentes se relacionam e têm poderes diferentes, o professor parece ser quem detém o poder dominante, pelo menos na relação com os alunos, porque suas atitudes estão baseadas no seu capital simbólico, que é maior do que o capital simbólico dos alunos. É maior porque o capital simbólico dos professores conta com a legitimação da sociedade e dos próprios alunos, que aceitam e legitimam o poder dos professores sobre eles.

nesse sentido, as atitudes, as falas, os gestos dos professores adquirem um poder maior, resultado da legitimação desses comportamentos por parte dos alunos. Ao se pensar o cãõ dos homoeróticos, as atitudes de discriminação e exclusão dos professores no tratamento diferenciado com eles pode contribuir para que eles incorporem esses preconceitos e pensem a si mesmos como “realmente diferentes”.

2.2 Um olhar teórico



X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

Costa (1985), quando analisa a relação entre identidade e violência, esclarece que a violência, no que se refere a um componente da construção das identidades, está associada à desigualdade de poder dos agentes no processo conflituoso de construção de identidades.

Essa colocação do autor contribui bastante ao se pensar a Escola e as atitudes dos professores com os homoeróticos. Nesse sentido, as atitudes de discriminação dos professores parecem ser perfeitamente entendida como uma violência, visto que os professores têm maior poder que os alunos e os influenciam na construção de suas identidades. “Mas a dissimetria de poder e o uso da força só adquirem um caráter violento quando associados a outros predicados que lhes dão a feição particular, distintiva de outras formas de coerção”. (Costa, 1985:93).

Atitudes de indiferença e desprezo dos professores com os alunos homoeróticos parecem perfeitamente possíveis de serem classificadas como violentas. No entanto, essas atitudes só podem ser caracterizadas como violentas se interpretadas pelo alunos da mesma forma que sugerida pelos professores. Isso parece ser o que está acontecendo pois os alunos a quem os professores dirigem sua indiferença e desprezo parecem ter assumido tal comportamento e mantêm-se calados e isolados.

Para Bourdieu, o mundo social se organiza segundo a lógica das diferenças, diferenças essas nomeadas por agentes de maior poder e legitimidade para isso. Ao brincar, ao tratar o homoerotismo de forma pejorativa, o professor também está marcando a diferença. A Escola, dessa forma, está agindo como reprodutora dessas diferenças. Escola e professor parecem ter o poder da nomeação, têm o reconhecimento social para isso. Bourdieu ressalta que marcar diferenças, os “desvios”, constitui-se em distinções significantes. “O espaço social e as diferenças que nele se desenham “espontaneamente” tendem a funcionar simbolicamente como espaço dos estilos de vida ou como conjunto de Stände, isto é, de grupos caracterizados por estilos de vida diferentes”. (Boudieu, 1998:144)

Quando se fala que o homoerótico constrói sua identidade e que a Escola, ou melhor, as relações que se desenvolvem na escola contribuem para essa construção, está se falando de construção de identidade individual e social. Não há como separar uma da outra, pois identidade significa o individual e o social juntos. “A identificação com o grupo social depende, assim, tanto do conhecimento partilhado pelos indivíduos da sua pertença categorial, como da contribuição desta pertença para a “distintividade positiva”.



X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

Quando o professor brinca com os homoeróticos, ele se refere ao grupo como um todo, contribuindo para a ideia do senso comum de que todos os homoeróticos são identificados pelos mesmos atributos e que podem ser motivo de brincadeiras. Quer dizer: o professor está reforçando uma identidade social dos homoeróticos baseada no estereótipo, que os alunos já trazem para a escola do meio social. A Escola e o professor, dessa forma, não estão trabalhando para modificar as imagens que os alunos trazem de fora a respeito dos homoeróticos. As diferenças não podem representar desigualdades. Se existem meninos homoeróticos na sala ou não, essa diferença não deveria ser justificativa ou motivo para gozação, para um tratamento desigual com o homoerotismo e tampouco o homoerotismo deveria significar um tratamento desigual em relação às outras formas de sexualidade.

Crueldade ou solidariedade para com o próximo, depende, portanto, 'da maneira como aprendemos e ensinamos a ser sujeitos', da maneira como aprendemos a descrever os outros e a nós mesmos. Quanto mais prevalecer o desejo de objetividade, em detrimento do de solidariedade – ou dito em termos freudianos, o fechamento identitário, em detrimento da possibilidade identificatória - , mas tenderemos a nos encapsular numa definição mesquinha do 'nós'. Exigiremos então dos 'outros', dos que não se 'adéquam', dos que não cabem em nossa 'verdade' ou 'superioridade' através de seu rebaixamento, humilhação ou patologização. Cairemos na lógica que move o preconceito racial e discriminação sexual. (Ropa, 1994:173).

Classificações sexuais e as maneiras com que são apresentadas parecem ser responsáveis por uma visão dos classificados baseada quase que unicamente em nome de seus gostos, inclinações ou escolhas sexuais. Deixarão de ser bons alunos, amigos fiéis para se tornarem quase que exclusivamente homoeróticos. Ropa (1994) defende que nossa sexualidade deveria representar um potencial de escolha, mudança e diversidade. Mas se transformou em destino para os heteroeróticos e em inferno para aqueles que se comportam diferentemente do determinado, ou seja, para os homoeróticos.

A negação institucional presente na Escola ou a discriminação institucional passam a fazer parte do capital sexual dos alunos (Britzman, 1996). Além disso, servem para moldar não apenas o que é ser heteroerótico como o que é ser homoerótico.



X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

3 OBSERVAÇÕES FINAIS

Diante dessas constatações, o caminho apontado é o da realização de um trabalho mais atento pelos professores, que possibilite identificar relações de discriminação, desigualdade e preconceito em relação às diferenças. Acima disso, um trabalho questionador das verdades, das atitudes, do conhecimento e do passado, a partir da visão de que tudo corresponde a construções sociais, históricas e culturais e, portanto, construções momentâneas e passíveis de alteração. Acredita-se que só assim será possível que a escola e os professores posicionem-se a favor das identidades desvalorizadas na perspectiva de Santos (1993), ou seja, visando a sua emancipação e à dos outros. Mesmo porque a questão do homoerotismo não afeta somente os meninos classificados como homoeróticos, mas afeta a todos. Expõe a intolerância e a desumanidade de todos, também dos professores e da Escola.



X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

Referências Bibliográficas

AMÂNCIO, Lígia. **Masculino e feminino: a construção social da diferença**, Porto Alegre, Edições Afrontamento, 1994.

BRITZMAN, Deborah P. **O que é esta coisa chamada amor: identidade homossexual, educação e currículo**, Porto Alegre, Educação & Realidade, vol. 21 nº 1, 1996

BOURDIEU, Pierre. **A escola cidadã no contexto da globalização**, Petrópolis, Vozes, 1998.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu. Guarcira Lopes Louro 9 Ed. Rio de Janeiro: DPA, 2004.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**, Petrópolis, 1997.

MISKOLCI, Richard (org) **Simples**, Julio Assis (org.) **Dossiê, sexualidades, disparidades**. Cadernos pagu, nº 28, V. 1, Campinas; núcleo de estudos de gêneros pagu, 2007.

POMPÊIA, Raúl. **O Ateneu**. 2ª Ed. São Paulo. FTD. 1992.

ROPA. S. **Diferenças e Preconceito na escola: alternativas teóricas e práticas**, São Paulo, Summus. 1990.

SANTOS, Walmor. **Leitura, uma proposta educacional**, Rio de Janeiro. Ed. Rocco. 1992.